

Alessandro Shinoda/Folhapress

# Câmeras e alarmes são mais utilizados

Eficácia dos sistemas de segurança aumenta quando empresa combina ferramentas e treinamento da equipe

DE SÃO PAULO

Entre os sistemas eletrônicos disponíveis no mercado, os mais utilizados por micro e pequenas empresas são circuitos fechados (40%) e alarmes contra intrusos (26%), de acordo com levantamento realizado pela Abese (Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança) e obtido com exclusividade para a **Folha**.

Juntas, essas ferramentas ajudam a reduzir perdas por furto. Os empresários, porém, têm também de investir em outras medidas para aumentar a eficácia dos sistemas.

Uma delas é treinar a equipe para usar os equipamentos, cita José Ramon Moreno, gerente técnico da Telectronic, empresa de monitoramento. Ele indica a ajuda de especialistas na implantação.

Sistemas de monitoramento das imagens gravadas – em que alguém vigia permanentemente a movimentação do estabelecimento – também são armas para inibir furtos e roubos, aconselha David

Fernandes da Silva, consultor de segurança da Abese.

Uma cópia do conteúdo gravado deve ir para um local remoto, como o computador pessoal, complementa Nilton Migdal, consultor de segurança. “Isso evita que o assaltante leve o HD [disco rígido] do equipamento da empresa com as imagens do crime.”

## COMPOSIÇÃO

A combinação de sistemas, como alarmes e circuitos de filmagem, por exemplo, é alternativa utilizada pelos empresários para reforçar a segurança do estabelecimento.

Esse é o caso de Carlos Eduardo Puttini, 26, dono da Jarjeans, loja de roupas, em Santos (70 km da capital).

Com alto índice de perda de produtos, o empresário contratou serviço de monitoramento interno. Entretanto, não obteve o resultado esperado e, há quatro meses, investiu também em tarjas magnéticas presas a cada peça.

“Além de reduzir o total de furtos, deixo meu cliente mais à vontade, uma vez que

não preciso acompanhar o que ele faz enquanto olha e prova as roupas”, destaca.

Segundo **Adriano Sambu-garo**, diretor da **Gateway Security**, desenvolvedora de técnicas para proteção de mercadorias, o grande erro de pequenos empresários é achar que o sistema de segurança é caro e postergar o investimento ou comprar equipamentos simples vendidos na rua.

## INVESTIMENTO

“A tecnologia completa custa, em média, R\$ 5.000 à vista, valor inferior ao prejuízo obtido com assaltos e furtos internos de funcionários”, calcula o diretor (veja mais na página 3).

Ciente do prejuízo que poderia ter no caso de um assalto, André Schuartz, 26, dono da Cassinera, empresa de serviços de cassino para eventos, investiu R\$ 3.000 em um sistema de proteção.

“Implantei botões de pânico em todas as salas. De onde estiver posso acionar a polícia”, conta Schuartz, que diz nunca ter sido assaltado.



André Schuartz olha botão do pânico, em sua empresa em SP

## A SETE CHAVES

Setor de segurança eletrônica no Brasil

Crescimento do mercado, em bilhões R\$



Fonte: Abese (Associação Brasileira das Empresas de Sistemas Eletrônicos de Segurança)

Tecnologias mais aplicadas, em %



## Vigilantes e escolta tornam-se inacessíveis pelo alto custo

DE SÃO PAULO

ra contratação é arduo.

Dois vigilantes custam cerca de R\$ 25 mil ao mês – cinco vezes mais do que o valor total de um sistema eletrônico de monitoramento, segundo empresas do setor.

Das 421 unidades de negócio do Grupo GR, de segurança patrimonial, por exemplo, nenhuma trabalha para micro e pequenas empresas. “O investimento é inacessível a elas”, diz Maurice Brauns-tein, presidente do grupo.

Na contratação dos sistemas de segurança eletrônica, que têm forte adesão entre micro e pequenas empresas, equipes de segurança – como vigilantes e escoltas – estão distantes da realidade de negócios desses portes.

Segundo João Palhuca, vice-presidente do Sesvesp (Sindicato das Empresas de Segurança Privada do Estado de São Paulo), o alto custo pa-